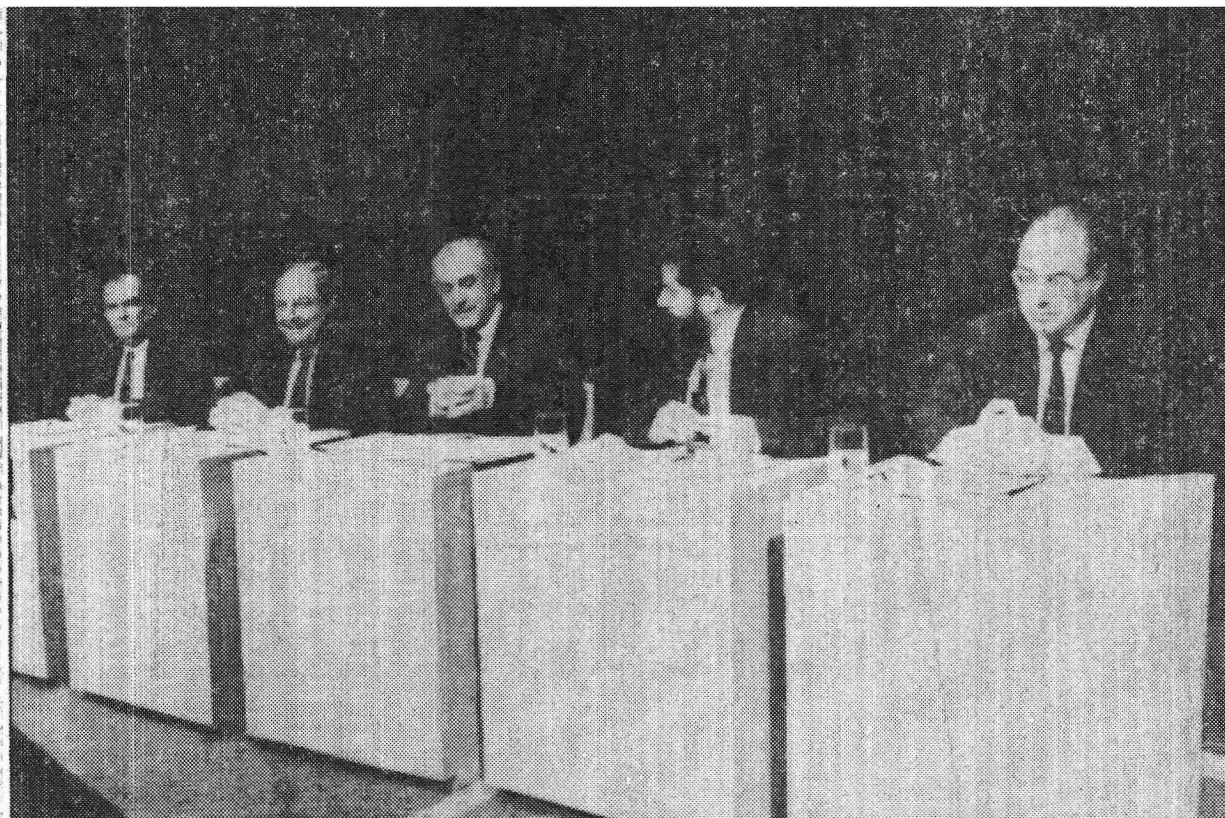




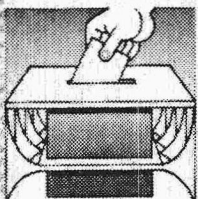
Carlos Chicarino/AE

*Os presidenciáveis, no segundo debate só a legalização do aborto desperta atenção*

# Debate se transforma em entrevista cansativa

**Perguntas minuciosas e normas rígidas não permitiram confronto de idéias dos candidatos**

RICARDO OSMAN e  
ADRIANA BARSOTTI



RIO — Anunciando como um debate entre os candidatos à Presidência da República, o programa que reuniu na noite de quinta-feira dez presidenciáveis no estúdio da Rede Manchete, a convite do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, revelou-se uma exaustiva entrevista de três horas e quinze minutos de duração. Perguntas excessivamente sectárias, formuladas por 509 entidades ligadas à mulher, aliadas às normas definidas pelos assessores dos presidenciáveis e promotores do programa, que impediam que os candidatos fizessem indagações entre si, foram responsáveis pela ausência de confronto de idéias. “Poderiam ter gravado nossas opiniões em casa separadamente e depois editado”, comentou o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, ao fim do debate Vota Brasil.

Também foram raros os momentos em que o programa foi objetivo, como, por exemplo, na única vez em que a mesma pergunta foi submetida a todos os candidatos — a descriminalização do aborto. A maioria das perguntas formuladas pela presidenta do Conselho dos Direitos da Mulher, a feminista Jac-

queline Pitanguy, e pelas entidades feministas tinha interesse demasiadamente específico e chegaram, por diversas vezes, a ser incompreensíveis.

No decorrer do programa, os temas gerais foram substituídos por perguntas minuciosas, como quantas empregadas Leonel Brizola tinha em casa. Às 2 horas da madrugada, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se rendeu: “Estou no bagaço, passo meu tempo adiante”, cedeu, exausto pela sabatina e na tentativa de apressar o término do programa.

A legalização do aborto foi o único assunto a despertar a atenção. Seis dos dez candidatos propuseram que a descriminalização do aborto seja decidi-

da em plebiscito nacional. O candidato do PDS, Paulo Maluf, foi além e defendeu que somente as mulheres tenham o direito ao voto nesta consulta. O único a propor a descriminalização do aborto declaradamente foi Roberto Freire, do PCB, que, por um lapso, falou em “discriminação”. Maluf, Aureliano Chaves (PFL) (leia quadro ao lado) e Affonso Camargo (PTB) se disseram contrários ao aborto, mas admitiram submeter a questão a plebiscito. No extremo oposto, Ronaldo Caiado (PSD) se declarou terminantemente contra o aborto, “como médico e como católico”, justificou. Leonel Brizola conseguiu manter-se indefinido. “Sou a favor da vida”, disse, mas acrescentou que o Movimento das Mulheres do PDT tem posição favorável à descriminalização do aborto.

Destacada pela influência que exerce sobre o marido, MORA Guimarães, mulher de Ulysses, também responsável pelo comparecimento do candidato peemedebista ao programa, acabou tema de pergunta. “Ela me ajuda muito, mas não manda na minha vida”, tentou esclarecer o presidenciável. Minutos depois foi a vez do petista Luiz Inácio Lula da Silva se embarçar para explicar porque um candidato da “classe trabalhadora” não sabia o preço do quilo do arroz. “Já fui muito à feira e ao supermercado, mas seria uma inverdade dizer isso agora”, admitiu o candidato, alegando estar “ocupado” com suas atividades de campanha. Mas emendou: “Eu sei fazer macarrão à carbonara, e quando frito ovo até lavo a frigideira”.